



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

INTERNET E REVOLUÇÃO NO EGITO: O USO DE SITES DE REDES SOCIAIS DURANTE A CONVULSÃO SOCIAL QUE DERRUBOU O GOVERNO DITATORIAL EGÍPCIO EM 2011

Lucas Reis
Universidade Federal da Bahia
lucas.reis@ymail.com

Samuel Barros
Universidade Federal da Bahia
samuel.barros77@gmail.com

RESUMO

Partindo de pressupostos da literatura de participação política e de sites de redes sociais, este artigo investiga os usos da Internet, com destaque para o Facebook, na convulsão social que derrubou o governo ditatorial de Muhammad Hosni Mubarak no Egito, em fevereiro de 2011. Trata-se de um estudo explanatório cujo objetivo principal é identificar os usos feitos dos sites de redes sociais pelos cidadãos envolvidos com os protestos.

PALAVRAS-CHAVE

Participação política; Internet; Facebook; Egito

1. Introdução

Após a queda do ditador Muhammad Hosni Mubarak vários especialistas midiáticos vieram à cena para identificar as causas do levante popular. Análises sociológicas rapidamente se apoiaram nos índices de desenvolvimento social ruins para desenvolver modelos explicativos que davam conta, para o olhar do ocidental culturalmente distante, do que teria motivado tamanha inquietação social. Os modelos explicativos, em sua maioria, apontaram como causas a situação social degradante e como uma das ferramentas o as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), em especial a internet e os sites de redes sociais¹.

¹ Alguns exemplos: BBC News: "Internet role in Egypt's protests" - <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12400319>

CNN Tech "A internet ocupa um papel fundamental ou é apenas um instrumento substituível?" - http://articles.cnn.com/2011-01-31/tech/egypt.internet_1_social-media-egypt-twitter?_s=PM:TECH

Daily News - A internet sozinha não faz revolução. É preciso considerar as tecnologias em um contexto político-social: http://www.nydailynews.com/opinions/2011/01/31/2011-01-31_twitter_and_facebook_step_up.html



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No entanto, acreditamos que considerar o desenvolvimento social como causa da revolta exige a explicação do por quê ditadores de países com a situação social mais precária se mantêm no poder. Tal questão nos faz considerar que antes da situação degradante, o movimento da população se deu pela crença de que uma mudança seria possível. Então, partimos do pressuposto de que as insatisfações só ganharam a forma de uma revolução porque as pessoas acreditavam serem possíveis reformas no sistema político² (GHANNAM, 2011; LAZZARATO, 2006).

Contudo, se, por outro lado, as motivações para a revolta precisam ser melhor compreendidas, por outro lado, como e quais ferramentas foram usadas – sobretudo a internet e os seus sites de redes sociais – precisa ser melhor dimensionada e avaliada com base na empiria e não apenas nos desejos de quem observa de longe.

Para atender esta demanda, não obstante as dificuldades impostas, sobretudo pelo árabe, língua oficial do Egito, este artigo propõe uma reflexão sobre a forma de uso do Facebook, site que teve uso destacado por parte dos revolucionários. Ressaltamos, contudo, que não pretendemos estudar a influência da internet nos desdobramentos dos acontecimentos, até por conta da impossibilidade metodológica. De todo modo, partimos da constatação de que a percepção da importância das redes foi tamanha, que levou o governo ditatorial a monitorar o uso dos sites de redes sociais e, posteriormente, bloquear o acesso à internet.

Espera-se que esta pesquisa contribua para o entendimento da dinâmica de uso de sites de redes sociais, especificamente o Facebook, o mais usado no Egito, com 5 milhões de usuários. Especificamente, como a rede foi usada para articulação e manutenção da mobilização popular online, como foram desenhadas e executadas

Washington Post – “O Facebook é a principal arma contra Mubarak” <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2011/02/02/AR2011020206107.html?hpid=topnews&sid=ST2011020205383>

New York Times – “O maior bloqueio da internet da história pode ter piorado a insatisfação e levado mais pessoas para as ruas” - <http://www.nytimes.com/2011/01/29/technology/internet/29cutoff.html>

Estadão - “A revolução no Egito depende necessariamente da internet” -

<http://blogs.estadao.com.br/pedro-doria/2011/02/06/a-revolucao-no-egito-depende-necessariamente-da-internet/>

Estadão: “Egito: a revolução sem líderes” -

http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110215/not_imp679621_0.php

² Ver o Lazzarato (2006), sobretudo, o desenvolvimento da ideia de “acontecimento” com base no pensamento de Gilles Deleuze e Mikhail Bakhtin.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estratégias, que tipo de material foi publicado, e qual a repercussão online das ações de protesto e repressão.

2. Internet, participação e mobilização políticas

Em resumo, a literatura otimista sobre Internet fez previsões de que esta rede iria aproximar as pessoas, alterando significativamente os padrões da sociabilidade contemporânea; revolucionar o conhecimento, uma vez que um número astronômico de informações estaria disponível; e, de uma perspectiva da política, iria acabar com toda e qualquer tirania ao redor do mundo, por armar os oprimidos com os dois elementos descritos acima. Em contextos democráticos, a Internet foi vislumbrada como a solução para problemas como a apatia e falta de transparência dos negócios públicos. A internet, assim entendida, seria um meio de comunicação mundial através do qual as pessoas poderiam se comunicar e se organizar politicamente (BUCHSTEIN, 1997).

À primeira vista, fenômenos como a revolução que aconteceu no Egito, em fevereiro de 2011, parecem atualizar as melhores das aspirações otimistas em relação ao uso político da internet, o que convoca uma revisão mais demorada da literatura, bem como reflexões empíricas (o que faremos no próximo tópico). De início, no entanto, é preciso lembrar que boa parte da literatura sobre participação política pressupõe contextos democráticos, em que os atores buscam o aperfeiçoamento da democracia liberal, a partir de valores considerados desejáveis para uma democracia (GOMES, 2005). No presente esforço, no entanto, falamos de participação política, em um contexto não-democrático, que tenta mudar a forma de organização do governo no que tange aos elementos básicos da democracia liberal, a exemplo de eleições abertas.

Sampaio (2010), ao fazer uma revisão dos principais elementos da literatura otimista e pessimista quanto às conseqüências do uso da internet para a participação política, explica que de uma perspectiva otimista, a internet é vista como um ambiente que poderia preparar e capacitar os cidadãos para a participação na política. O autor fala ainda da expectativa de que a internet funcione como ambiente de discussão de questões públicas, com características que se assemelharia às qualidades desejadas na esfera pública. “Uma vez que a internet permite às pessoas conversarem entre si e ouvirem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

vários pontos de vista, ela poderia ser usada para expressão política, deliberação e até tomada de decisões” (*idem*, p. 36).

Por outro lado, de uma perspectiva pessimista, a possibilidade de incremento ou fortalecimento da participação política através da internet poderia ser apenas uma grande promessa não viável ou, pior, um ator nefasto na cena política. Neste sentido, Buchstein (1997) faz um levantamento de possíveis perdas, que são detalhadas por Sampaio (2010), a saber: ampliação das desigualdades sociais, dado que o acesso demanda recursos financeiros e conhecimento; a extrema transformação da internet como vitrine de produtos para o comércio; possibilidade de monitoramento das ações online por parte de empresas e governos, o que resultaria em concentração de poder; distanciamento da realidade social; e falta de censura contra discursos de ódio e antidemocráticos.

No entanto, como explica Sampaio (2010) as perspectivas pessimistas ajudam a entender que a existência de novas ferramentas para a comunicação entre os indivíduos não resultará necessariamente em mudanças na participação política, nem muito menos nas relações de poder. Enfim, o entendimento geral é que a internet não resolve as deficiências da participação política, no entanto, algumas características facilitam a atuação da sociedade civil, a exemplo de “exercer pressão sobre o sistema político, coordenar ações entre movimentos sociais, realizar mobilizações (presenciais ou mesmo online), trocar material político relevante, criar bancos de dados” (SAMPAIO, 2010, p.47).

Maia (2007) fala de quatro modos de uso da internet que podem potencializar a participação política, em sociedades democráticas. I) “Interpretação de interesses e construção de identidade coletiva”, uma vez que a internet possibilita que grupos, dotados de capacidade discursiva, manifestem seus traços identitários e interesses a baixos custos e de modo relativamente mais aberto.

II) “Constituição de esfera pública”. Apesar de a autora considerar que a internet não extingue por completo as diferenças do mundo externo, bem como haver uma tendência de agrupamento em torno de opiniões favoráveis (*like-minded*) e não necessariamente acontecer o desejável embate de ideias, advoga que a internet tem grande potencial de uso pelas organizações cívicas, uma vez que pode-se engajar em



uma troca discursiva, onde podem ser testadas premissas e gestar novas soluções para problemas comuns, bem como novas formas de ação nesta empreitada. Lycarião & Sampaio (2010), comentando este tópico, lembram que a internet amplia a acessibilidade e a densidade argumentativa da esfera pública.

III) “Ativismo político, embates institucionais e partilha de poder”. Através da internet, os indivíduos podem se organizar para ações políticas de mobilização discursiva em torno de uma agenda ou, mesmo, para pressão direta ao sistema político. A autora explica que, mesmo que as ações online por vezes sejam consideradas fragmentadas e descontínuas, elas costumam se relacionar com a mobilização social. Para a levar a cabo movimentos políticos mais complexos, atores cívicos coletivos poderiam cuidar das partes mais complexas, enquanto o indivíduo poderia participar de forma significativa, mas com menos esforço.

IV) “Supervisão e processos de prestação de contas”. A internet possibilitaria aos governos disporem mais informações aos cidadãos, enquanto estes, melhor informados, poderiam fazer exigências mais pontuais e uma fiscalização mais apurada dos atos do poder público. Segundo Maia, “a aquisição de informação torna os indivíduos aptos a demandar transparência das instituições do governo e a exigir que dirigentes e representantes de outros poderes prestem conta de suas declarações e ações” (MAIA, 2007, p.54).

Como recomenda Maia (2007), entendemos que as possibilidades ofertadas pela internet devam ser avaliadas na relação com as motivações dos atores sociais, o que então possibilita uma avaliação da intensidade e do propósito das movimentações políticas.

Silva (2006), por sua vez, ao fazer um levantamento das variáveis que implicam na participação política via TIC's, lista os seguintes fatores: *elementos estruturais*, entendidos como a inclusão digital; *elementos comportamentais*, o que o autor entende como “aspectos psicológicos, culturais, ideológicos, peculiaridades de conduta e índole do indivíduo, gênero, idade, escolaridade, étnicos etc.” (*ibidem*, p.8); *elementos legais*, legislação que dê respaldo ao cidadão e obrigue o estado a criar canais de participação; e *elementos conjunturais*, que são acontecimentos, discussões que exijam, por alguma razão, atenção pública e alguma resposta dos cidadãos. O autor, no entanto, faz a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ressalva de que estes elementos não são normativos, nem precisam existir ao mesmo tempo, mas antes são apresentados como elementos fundamentais que são resolvidos pelos indivíduos frente às demandas dos contextos políticos. “A formatação do uso será moldada por outros fatores agregados pelo cidadão, pelos representantes e pelo próprio sistema político, que irão agir sobre esta infra-estrutura” (*ibidem*, p.8).

No entanto, ocorrendo as condições básicas – a inclusão digital, em sentido amplo – não há nenhuma garantia, de acordo a literatura teórica ou dos estudos empíricos, de que o cidadão irá se apropriar do novo meio para fins políticos, nem muito menos democráticos (SILVA, 2006; NORRIS, 2001). Se a simples existência da internet não implica necessariamente em incrementos diretos para a participação política, a variável fundamental seria algo como uma vontade produtiva.

Temos, então, que para a efetividade da participação política, de uma perspectiva do indivíduo, é necessário alguma motivação forte o suficiente para fazer valer a pena o esforço necessário para a forma de participação em questão. Já uma reunião de pessoas em torno de um empreendimento coletivo seria a mobilização. Por exemplo, em casos de lutas por rupturas políticas não basta a existência de pessoas motivadas a fazerem algo, mas a mobilização destas disposições no sentido de uma construção comum.

A Internet é uma arma fundamental para atingir indivíduos que, a princípio sem vinculações políticas às instituições clássicas de organização da sociedade civil, estejam dispostos, desde que sejam “devidamente” convencidos, a participar de ações específicas de protesto, cibernéticas ou não, que tenham alguma identidade com seus interesses e percepções de mundo (PEREIRA, 2011, p. 16).

Conforme Pereira (2011), a internet facilita a mobilização, mas esta ainda precisa ser organizada e demanda esforço dos indivíduos e organizações proponentes. No entanto, a atuação política na internet demanda um esforço relativamente menor e não necessariamente é preciso participar de grupos organizados ou ter forte vinculação com determinada posição ou discurso. Na internet, as pessoas podem participar sem sair da zona de conforto. Segundo Marques (2008) os otimistas apontam que internet favorece a mobilização, por conta das seguintes características: “menores custos, conveniência, facilidade e rapidez de comunicação”, permite a comunicação entre os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

atores sem barreiras temporais ou geográficas e capacidade de envolver cidadãos, que antes de pouca atuação, no jogo político.

Uma vez que um determinado grupo esteja mobilizado, a divulgação de informações pela internet, como de resto outras formas alternativas às grandes empresas de comunicação, teria pelo menos duas funções: dar visibilidade aos fatos e discursos com relativa pluralidade, o que é importante quando este não recebe atenção das mídias tradicionais ou quando é enquadrado por um viés negativo; o que desdobra na proteção aos indivíduos envolvidos, tanto em atividades online quando nas off-line (MAIA, 2007; PEREIRA, 2011).

3. Os sites de redes e a formação de laços

Os chamados sites de redes sociais, amplamente conhecidos como redes sociais, se tornaram extremamente populares entre os usuários de internet em todo o mundo. Em 2011, dos cerca de 2 bilhões de internautas em todo o mundo, pelo menos 40% participavam destes sites.³ É interessante notar que as redes sociais fazem parte de um fenômeno maior chamado de web 2.0 (O'REILLY, 2005), e que é caracterizado pelo oferecimento de ferramentas e tecnologias que tornam mais fáceis a produção e publicação de conteúdos de diversos tipos e formatos por parte dos usuários. Em linhas gerais, pode-se destacar que a web 2.0 se caracteriza por a) usar a interface web como plataforma para uso e distribuição dos softwares; b) captar, armazenar e analisar grande volume de dados deixados online; e c) foco numa experiência de navegação satisfatória para o usuário.

Este cenário permitiu o surgimento dos sites de redes sociais. Estes são

serviços de web que permite aos usuários (1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema conectado, (2) articular uma lista de outros usuários com os quais eles compartilham uma conexão e (3) ver e mover-se pela sua lista de conexões e pela dos outros usuários. A natureza e nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site. (BOYD & ELLISON, 2007)

Estes sites, na verdade, são interfaces para programas extremamente complexos que permitem a criação de uma página pessoal, a troca de mensagens entre internautas

³ <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=36492&Cr=internet&Cr1=>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cadastrados, a postagem de vídeos, fotos e textos, entre outras funcionalidades, como por exemplo, a criação de páginas para permitir a discussão de uma temática de interesse dos internautas.

Este aspecto é importante, pois vai ao encontro do que foi apresentado por Castells (2003). O autor afirma ser possível a criação de laços comunitários online, mesmo entre pessoas que não compartilhem de uma mesma identidade geográfica. Segundo Castells, estas comunidades seriam formadas por pessoas que possuem em comum apenas o interesse num determinado assunto. Este seria o fator agregador.

O desenvolvimento das redes sociais provou que Castells estava certo, e ainda foi além. Era possível identificar que comunidades diferentes criavam laços diferentes. Este fato trouxe ao cenário os estudos de Granovetter (2001) sobre a força dos laços. O autor buscou entender quais fatores tornavam a ligação social entre as pessoas mais forte. Entretanto, não houve uma inclinação de que quanto mais forte o laço melhor para as relações sociais. Pelo contrário, Granovetter mostrou que os laços fracos têm extrema importância na construção, manutenção e crescimento de aglomerados sociais. Posteriormente, Norris (2004) mostra que em comunidades online, os laços fortes tendem a aumentar a adesão e participação dos internautas, já os laços fracos têm como principal utilidade ligar uma comunidade a outras, fazendo o papel de ponte entre grupos.

Nenhuma empresa no mundo entendeu melhor este cenário do que o Facebook. Criado em 2004, em apenas sete anos a empresa se tornou a mais popular entre os sites de redes sociais. Seus 700 milhões de usuários cadastrados usam, a partir de uma interface amigável, diversas funcionalidades que permitem discussões, endossamentos (curtições), publicação de imagens, entre outras coisas. O site permite também a criação de páginas temáticas, as chamadas Fan Pages. Para participar delas, o internauta deve endossá-la e, então, passará a poder postar conteúdos e este será recebido por todas as outras pessoas que endossaram a página.

No caso egípcio, uma Fan Page teve destaque durante toda a revolução. “*We Are all Kahled Said*”⁴ foi criada por um grupo de internautas após o assassinato do estudante Kahled Said. Said foi preso pela polícia egípcia, torturado e morto. Fotos de

⁴ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>



seu corpo desfigurado foram publicadas online e esta Fan Page passou a agregar muitas das discussões de internautas revoltados com o fato e que viram aí o argumento final para lutar contra o regime de Hosni Mubarak.

4. Metodologia de Pesquisa

O principal desafio metodológico é o de vencer a barreira lingüística. No Egito, o árabe é a língua oficial e falado no dia a dia pelos seus cidadãos. Assim, boa parte das mensagens sobre a revolução que foram trocadas pelo Facebook estavam em árabe. Apesar de haver programas para tradução do árabe para o inglês ou português, a sua confiabilidade não permite usá-lo sob pena de levar o artigo a conclusões incorretas. Assim, houve um acompanhamento das principais Fan Pages ligadas ao movimento egípcio e que receberam conteúdo em inglês.

Apesar de não receber conteúdo em árabe, estas páginas passam um retrato fiel da mobilização online do movimento, pois havia o interesse por parte dos revolucionários de receber cobertura internacional. Desta forma, eram postadas nesta página informações sobre lugares, datas e táticas de ação para realizar manifestações e/ou driblar a repressão estatal.

Abaixo, segue a lista das Fan Pages analisadas:

Mubarak⁵

Egypt⁶

No Hosny Mubarak⁷

We are All Khaled Said⁸

Entre elas, se destacou a Fan Page “We Are All Khaled Said”. Esta página foi criada após o vazamento de fotos do estudante Khaled Said morto pela tortura da polícia egípcia. As fotos mostravam um corpo deformado. O objetivo inicial da página era o de mostrar que a repressão da ditadura poderia atingir qualquer cidadão egípcio. A página foi criada por Wael Ghonim, executivo do Google no Egito.

⁵ <http://www.facebook.com/pages/Mubarak/187821134569234>

⁶ <http://www.facebook.com/Page.Egypt>

⁷ <http://www.facebook.com/pages/NO-Hosny-Mubarak/186994371322396>

⁸ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Esta página ganhou extrema popularidade, concentrando muitas das discussões sobre as manifestações. Ao todo, 120 mil pessoas endossaram a página, o que fez dela uma das mais populares do país. A página esteve ativa desde que foi criada, postando conteúdos com foco em mobilizar e informar as pessoas sobre as atrocidades do governo Mubarak. Foi nesta página que se divulgou as datas e locais de encontro das principais manifestações contra o governo. Desta forma, foi feito um estudo de caso sobre a atualização desta página e das discussões ocorridas nela.

Assim, foi possível obter informações que levaram a uma análise eminentemente qualitativa da mobilização online em prol da revolução. Não é objetivo desta pesquisa quantificar e apresentar métricas, mas sim refletir de maneira exploratória sobre como a rede social Facebook, a mais popular do Egito, foi usada nos esforços de mobilização pela derrubada de um regime ditatorial. Por isso, foi escolhida a análise detalhada da movimentação da Fan Page mais ativa durante as manifestações como forma de responder à pergunta: de que forma o Facebook foi usado durante as manifestações contra o governo Mubarak?

5. Análise

5.1 Contexto

Uma série de movimentos políticos aconteceu no Norte da África e Oriente Médio no período anterior ao início dos protestos que derrubaram o ditador egípcio Muhammad Hosni Mubarak, que estava no poder há 30 anos. Muitas manifestações, grandes e pequenas, aconteciam na maioria dos países totalitários da região, com destaque para a Tunísia, onde Zine Al-Abidine Ben Ali renunciou no dia 14 de janeiro de 2011, depois de 23 anos no poder.

Algum tempo antes, no entanto, o Egito estava aparentemente tranquilo. Analistas que olhassem para os jornais não iriam ler notícias de oposição política, em parte por conta da repressão, é verdade, mas também por que as oposições estavam desarticuladas, apesar da insatisfação geral pelo modo suspeito como foram conduzidas as eleições parlamentares de 2010⁹.

⁹ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/837370-comecam-as-eleicoes-parlamentares-do-egito.shtml>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Do ponto de vista econômico, o Egito não gozava de boas condições, mas não se pode dizer que estivesse em crise. Segundo informações do Banco Mundial, o PIB do Egito, em 2009, foi de 188,4 bilhões e o Rendimento Nacional Bruto (RNB) per capita foi de US\$ 2.070. O RNB é a soma do PIB com os rendimentos recebidos de outros países (juros de dívidas e dividendos), menos os pagamentos feitos a outros países, também por dívidas. Ainda assim, em 2010, 23% da população do Egito viviam abaixo da linha da pobreza: menos de US\$ 2 por dia (KOROTAYEV; ZINKINA, 2011).

Outros números do Banco Mundial dão conta que, em 2009, a dívida externa do Egito era de 17,6% do PIB; o percentual da população em idade para o trabalho desempregada era de 9,4%; a expectativa de vida da população era de 69 anos; e 50% da população viviam em áreas urbanas; em 2006, 66% da população com mais de 15 anos sabiam ao menos ler e escrever.

A população egípcia em 2009 estava em 82,9 milhões, ocupando a 14ª posição entre os países mais populosos do mundo. Uma extensa maioria da população (90%) professa a fé muçulmana (maioria sunita); 9% são cristão copta; e 1% são cristãos de outras tradições.

5.2 Consumo de mídia e, em especial, a internet.

Segundo dados da Arab Media Outlook, no Egito em 2009, haviam 19 jornais diários, com circulação de 4 milhões de exemplares; a TV tinha penetração de 93% da população (com a TV via satélite com penetração de 43% e TV a cabo com 0,2%); a penetração do telefone celular é de 72%; e da banda larga de 7,4%. No entanto, de acordo dados da ITU¹⁰ de 2009, 21,1% da população é usuária de internet.

Segundo Ghannam (2011), embora o Ministério do Interior egípcio mantenha um departamento de 45 pessoas para monitorar o Facebook, quase 5 milhões de egípcios utilizam o site de redes sociais entre os 17 milhões árabes que são usuários, incluindo jornalistas, líderes políticos, figuras políticas da oposição, ativistas dos direitos humanos, ativistas sociais e artistas. A língua mais usada é o árabe, mas camadas com mais escolaridade usam amplamente inglês e francês.

¹⁰ A ITU (Internacional Telecommunication Union) é uma agência da Organização das Nações Unidas para questões relacionadas às tecnologias de informação e comunicação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

5.3 Funções e Apropriações do Facebook

A Fan Page “*We are all Khaled Said*” foi criada no final de 2010, mesmo momento em que se iniciaram diversos levantes populares nos países árabes. Inicialmente, a página tinha como foco falar das brutalidades dos regimes totalitários, como o egípcio, e reforçar que os direitos humanos são universais.¹¹

À medida que movimentos em outros países ganharam força, os conteúdos da página buscavam exprimir apoio aos manifestantes destes países. Em especial, há várias postagens de incentivo para a revolução ocorrida na Tunísia. Estas mensagens traziam, em sua maioria, como mensagem final a idéia de que o Egito faria a sua revolução em breve, mas ainda não se falava de datas e de como isso seria conseguido.

Em meados de janeiro, se intensificaram as postagens que denunciavam torturas realizadas pela polícia de Estado. Estas denúncias traziam fotos e vídeos, acompanhadas de texto explicativos que faziam questão de frisar que, em sua maioria, a vítima havia sido presa e torturada sem que lhe houvesse indícios de uma acusação.¹²

Importante salientar que junto aos comentários das denúncias, havia usuários que afirmavam não acreditar que aquilo havia sido feito num inocente e que a polícia estava fazendo seu papel. Entretanto, não fica claro se estas são mensagens reais ou se foram feitas pela equipe de monitoramento do governo egípcio.

Em 15 de janeiro, um post nesta página afirmava que diversos ativistas tinham chegado a um consenso e que teriam determinado que o dia 25 de janeiro seria marcado por uma série de manifestações contra o governo de Mubarak.¹³ Esta mensagem deixa claro que as manifestações não foram provocadas pelo Facebook, mas tiveram o apoio desta rede social para ser divulgada e mobilizar outros cidadãos.

Além disso, a mensagem que falava sobre o dia da manifestação do Egito pedia, também, abertamente, ajuda internacional para o movimento. Não se tratava de armas ou alimentos, mas de dar visibilidade internacional e de estender a pressão popular para as embaixadas egípcias ao redor do mundo. Desde o dia 15 de janeiro até o dia 25, houve uma postagem sistemática de conteúdos que visavam mobilizar as pessoas para

¹¹ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/174535782582802>

¹² <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=176336385738687&set=a.134576649914661.12242.133634216675571&type=1&comments>

¹³ <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=176594399046219&set=a.134576649914661.12242.133634216675571&type=1&comments>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

as manifestações, incentivavam o surgimento de outras ações ao longo do país e em outros lugares do mundo. De forma complementar, eram publicados conteúdos que provavam a visibilidade e o apoio mundial que o movimento estava recebendo.

As ações do governo na tentativa de acalmar o levante popular foram identificadas e os membros da página contra-argumentavam e alertavam uns aos outros que aquela manobra estatal visava apenas perpetuar o sistema político totalitário em vigor¹⁴. Como forma de provar que havia uma vontade latente no povo egípcio de uma mudança política, eram postados sistematicamente imagens e fotos de protestos no país e em outros lugares do mundo. Tratavam-se de ações isoladas, individuais, mas que simbolizavam que não era mais sustentável um governo ditatorial no país.¹⁵

Após diversos posts que criaram uma expectativa imensa em relação aos protestos do dia 25 de janeiro, a página se dedicou inteiramente a dar visibilidade às manifestações que estavam sendo realizadas. Foram publicadas fotos e vídeos de diversas cidades do país, a maior parte delas traziam como legenda palavras de apoio ao movimento e ficava clara a preocupação em mostrar o apoio popular que estava sendo obtido¹⁶.

Em determinados momentos, era possível assistir ao vivo, via Facebook, as manifestações nas principais cidades do Egito. Vale destacar que não se tratava de transmissões de cadeias de TV, mas sim de transmissões feitas com o uso de tecnologias gratuitas, oferecidas online e que eram compatíveis com o Facebook.

De maneira complementar, eram publicadas diversas entrevistas e reportagens internacionais que mostravam a força do movimento revolucionário e a agonia do governo. Passado o dia 25, as manifestações continuaram a ocorrer e a Fan Page passou a funcionar com o objetivo duplo e complementar de dar visibilidade as ações e de cativar mais membros para se engajarem.

A cobertura era colaborativa, ou seja, não havia uma equipe contratada com o objetivo de realizar vídeos e fotos das manifestações, mas sim uma rede de internautas que produziam individualmente seus conteúdos, os publicavam online e chegavam à

¹⁴ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/102212933187721>

¹⁵ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/187878754570252> e <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/139243119470316>

¹⁶ <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=179175148788144&set=a.134576649914661.12242.133634216675571&type=1&comments>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Fan Page, já que ela era um dos principais espaços online para se levar este material à luz.¹⁷

Nos últimos dias de governo, houve uma tentativa de fazê-lo permanecer por mais oito meses. Imediatamente, foram postados conteúdos nesta Fan Page com argumentos que defendiam a saída imediata de Mubarak. Se vê aqui que houve um esforço nesta página de evitar que o governo ganhasse voz única e fosse capaz de imprimir uma agenda de assuntos, tópicos e argumentos que pudessem lhe dar uma sobrevida.¹⁸

Às vésperas do dia da renúncia, as mensagens encorajavam os cidadãos a resistirem até a queda do então presidente. Havia uma preocupação em fazer as pessoas acreditar que o fim de Mubarak como ditador estava próximo, e que era preciso manter a pressão para precipitar a sua saída do governo.¹⁹

Estas mensagens usavam como argumento maior a concentração de pessoas na praça Tahrir, maior praça do centro do Cairo.²⁰ Já no dia 11 de fevereiro, que viria a ser o dia da renúncia de Mubarak, a página concentrou mensagens que apresentavam informações desconstruídas sobre a iminente saída do ditador. Diversas informações foram publicadas e debatidas até que a renúncia foi oficializada. As postagens que informam sobre a queda de Mubarak foi a que recebeu mais endossos, ou curtidas, desde o surgimento desta Fan Page. Foram 1.453 endossos.²¹ Atingido o objetivo de derrubar a ditadura, a página deu foco maior às possibilidades do Egito no Futuro e se solidarizou com as manifestações em outros países, como Líbia e Síria.

Enfim, após acompanhar em ordem cronológica as atualizações desta página, foi possível identificar de que forma o Facebook foi utilizado como ferramenta de mobilização. Desde um momento em que era preciso converter internautas em ativistas, até o momento em que era preciso manter a mobilização.

6. Discussão e conclusão

¹⁷ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/202644673083514>

¹⁸ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/169464876433297>

¹⁹ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/150184515040043>

²⁰ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/202644673083514>

²¹ <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/posts/188611351170295>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Como demonstrado, o site de rede social Facebook, que possui cerca de 5 milhões de internautas egípcios cadastrados, teve papel importante na articulação de movimentos que levaram à derrubada da ditadura egípcia, mas não se pode dizer que a revolução só ocorreu por causa do Facebook.

De maneira geral, o Facebook facilitou o processo de troca de mensagens entre os revolucionários, tornando mais rápida e simples de divulgação de fatos novos, a discussão de idéias e a proposição de novas movimentações. Além disso, o Facebook teve papel importante como vitrine para dar visibilidade mundial ao movimento revolucionário. Como todas as mensagens podiam ser acessadas pelos usuários cadastrados, e entre estas mensagens haviam fotos e vídeos das manifestações, se tratava de uma fonte de informações extremamente importantes para que jornais do mundo inteiro pudessem noticiar os fatos sob a ótica dos revolucionários.

Claro que tamanha visibilidade teve seu lado negativo, pois permitiu o monitoramento estatal das mensagens e levou ao bloqueio do acesso à internet no país. Aí ficou claro que o Facebook não tinha função fundamental: sem o Facebook, os manifestantes passaram a se comunicar por mensagens de texto e por outras maneiras mais tradicionais de comunicação.

Entretanto, fica claro que não se pode dizer que foi graças ao Facebook que houve revolução, mas também não se pode afirmar que sua função foi irrelevante. A análise do conteúdo postado na Fan Page de maior popularidade sobre o assunto, mostrou que diversos objetivos foram perseguidos e que este esforço colaborou para denunciar os crimes do governo, mobilizar cidadãos contra o regime ditatorial, mantê-los informados sobre a evolução do movimento, desarticular as tentativas governistas de se manter no poder e de incentivar a permanência da mobilização até o último momento do regime de Mubarak.

7. Referências Bibliográficas

ARAB MEDIA OUTLOOK 2009-2013. Inspiring Local Content: Forecasts and Analysis of Traditional and Digital Media in the Arab World. Dubai Press Club, 2010. Disponível em: <http://www.fas.org/irp/eprint/arabmedia.pdf> Acesso em: 10 mai. 2011.

BOYD, Danah; ELLISON, N. B. Social network sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13 (1), article 11, 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>



BUCHSTEIN, H. Bytes that bite: The Internet and Deliberative Democracy. *Constellations*, v.4, n.2, 1997.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GHANNAM, Jeffrey. *Social Media in the Arab World: Leading up to the Uprisings of 2011* [relatório]. Washington, D.C: Center for International Media Assistance (CIMA), 2011. Disponível em: http://cima.ned.org/sites/default/files/CIMA-Arab_Social_Media-Report_2.pdf Acesso em: 10 mai. 2011.

GOMES, W. Internet e participação política em sociedades democráticas. *Famecos*, n.27, p.58-78, 2005.

GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, 78, p. 1360-1380, 2001.

KOROTAYEV, A V.; ZINKINA, J V. Egyptian Revolution: A demographic structural analysis. *Entelequia*, n.13, p.139-169, 2011.

LAZZARATO, M. *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LYCARIÃO, D.; SAMPAIO, R. F. Sociedade civil online: diferentes usos da internet para fomentar a participação política. *Revista de Estudos da Comunicação*, v.11, n.25, p.97-106, 2010.

O'REILLY, T. What is Web 2.0. 2005. Disponível em:

<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em: 02/06/2011.

MAIA, R. Redes cívicas e internet: efeitos democráticos do associativismo. *Logos*, v. 27, n. 14, p. 43-62, 2007.

MARQUES, F. P. J. *Participação política e internet: meios e oportunidades digitais de participação civil na democracia contemporânea, com um estudo do caso brasileiro*. (2008). 498 f. (Tese de Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

NORRIS, P. *Digital divide: civic engagement, information poverty, and the Internet worldwide*. Cambridge: Cambridge University 2001.

_____, P. The bridging and bonding role of online communities. Harvard University. 2004. Disponível em:

<http://www.hks.harvard.edu/fs/pnorris/Acrobat/bridging%20and%20bonding.pdf>.

Acesso em: 02/06/2011.

SAEBO, O. et al. The shape of eParticipation: Characterizing an emerging research area. *Government Information Quarterly*, v. 25, n. 3, p. 400-428, 2008.

SAMPAIO, R. Participação política e os potenciais democráticos da internet. *Revista Debates*, v. 4, n. 1, p. 29-53, jan.-jun. 2010.

SILVA, S. P. *Estado, democracia e internet: requisitos democráticos e dimensões analíticas para a interface digital do Estado*. Tese de doutorado (Universidade Federal



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

da Bahia – UFBA/Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas), 2009, 427 f.

PEREIRA, M. A. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. In: COMPOLÍTICA (Ed.). Encontro da Compolítica. v. 4. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

THE WORLD BANK [banco de dados]. Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/egypt-arab-republic> Acesso em: 11 Mai. 2011.